

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**WANDERSON QUEIROZ BOMFIM  
ELVIRA SIMÕES BARRETTO**

**ENTRE O ROSA E O AZUL: OS MENINOS TRAVESTIDOS QUE ESTÃO FORA DA  
SALA DE AULA**

**MACEIÓ**

**2016**

## Entre o rosa e o azul: os meninos travestidos que estão fora da sala de aula

<sup>1</sup>Wanderson Queiroz Bomfim

<sup>2</sup>Elvira Simões Barretto

*O medo sempre me guiou para o que eu quero. E porque eu quero, temo. Muitas vezes foi o medo que me tomou pela mão e me levou. O medo me leva ao perigo. E tudo que eu amo é arriscado"*  
Clarice Lispector

**Resumo:** O presente artigo surge de uma necessidade social, a compreensão acerca das exclusões, no ambiente escolar, dos sujeitos travestis adolescentes. Com isso, o nosso objetivo seguiu a linha tênue de reflexão e análises de como é criado o preconceito e marginalização das travestis, em específico as que são adolescentes e, por algum motivo, não estão em sala de aula. Nossa pesquisa está ancorada numa abordagem qualitativa (CHIZZOTI, 1980), de cunho etnográfico (LÜDKE E ANDRÉ, 1986), visto que para coleta dos dados o sujeito pesquisador esteve em contato com o grupo social que estava a participar da pesquisa. Esta pesquisa traz como escopo teórico alguns estudiosos das seguintes áreas: Educação, Paulo Freire (2001), Oliveira (2015); Teoria Queer, Butler (2010), Scott (1995); Sociedade e sexualidade, Chauí (1984), Foucault (1984), Fry e MacRae (1985), entre outros. Chegamos à conclusão de que a escola ainda se mostra como catalisadora do que ela acha como correto e “puro” para adentrar seus vastos muros recobertos de preconceitos. As “portas” da vida se encontram ainda semicerradas para os contextos de vida das travestis. Muitas são “forçadas” a desempenharem determinados papéis sociais e trabalhistas por não terem outras oportunidades que as integralizem na sociedade que as comportam.

**Palavras-chave:** Travesti. Sala de aula. Preconceito.

**Abstract:** The present article arises from a social necessity, the comprehension about the exclusions, in the school environment, of transvestite adolescents. With this, our objective followed the tenuous line of reflection and analysis of how the bias and marginalization of transvestites is created, specifically those who are adolescents and, for some reason, are not in the classroom. Our research is anchored in a qualitative (CHIZZOTTI, 1980), ethnographic approach (LÜDKE AND ANDRÉ, 1986), since in order to collect data the research subject was in contact with the social group that was participating in the research. This research brings as theoretical scope some scholars of the following areas: Education, Paulo Freire (2001), Oliveira (2015); Queer Theory, Butler (2010), Scott (1995); Society and sexuality, Chauí (1984), Foucault (1984), Fry and MacRae (1985), among others. We come to the conclusion that the school still shows itself as a catalyst for what it finds correct and "pure" to enter its vast walls covered with prejudices. The "doors" of life are still half closed to the life contexts of transvestites. Many are "forced" to play certain social and labor roles because they have no other opportunities to integrate them into the society that behaves.

**Key-words:** Transvestite. Classroom. Preconception.

---

<sup>1</sup> Wanderson Queiroz Bomfim é graduado em Letras – Português, pela Instituição de Ensino Superior – UFAL. É aluno do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – NTMC / UFAL. Mestrando do curso de Mestrado em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPGLL/UFAL.

<sup>2</sup> Elvira Simões Barretto é professora doutora na Universidade Federal de Alagoas, e coordenadora do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Foi minha orientadora no presente artigo.

## **1. Introdução**

Problematizar as questões de gênero, em específico a orientação sexual travestis, é deveras importante na contemporaneidade, visto que nos defrontamos com discursos excludentes e discriminatórios; e eles não dão margem à inclusão social e educacional dos que transgridem a norma social vigente, que fora criada, afirmada e mantida pela cultura heteronormativa.

A vida das travestis é constantemente relegada ao esquecimento, desde tenra idade elas sofrem com a segregação com que são impostas. Os adultos, a todo instante, reprimem quaisquer trejeitos femininos que os meninos adotem em suas posturas diárias. Com isso, podemos dizer que a primeira forma de repressão vivenciada pelas travestis acontece no seio familiar: parte das agressões verbais, físicas, psicológicas (sem esquecermo-nos da violência sexual), estendendo-se à expulsão delas de “sua” casa.

Nosso estudo se focaliza nas travestis já assumidas no meio social. Pensamos a priori recolher depoimentos de travestis ainda na adolescência, no entanto, deparamo-nos com alguns entraves, entre eles se encontram os motivos de a família ainda não ter ciência de eles assumirem a identidade travestis (Muitas delas assumem a sexualidade/identidade distante da família); o “perigo” de alguns amigos as reconhecerem; etc.

Hodiernamente a sociedade está enclausurada em moldes conservadores que determinam o curso de vida que os sujeitos que a compõe devem seguir. Caso algum desvio venha a ser presenciado, faz-se de tudo para que a ‘perturbação’ seja camuflada e a ‘paz’ da chamada naturalidade e normalidade volte a reinar nos espaços sociais. Logo, o molde de regras permeia a nossa vida desde o momento de nosso nascimento até o nosso enclausuramento na cova da morte.

A escola contemporânea tenta vencer os ‘demônios’ que assolaram e contaminaram a ética na educação. De um lado temos o educador lutando de todas as maneiras possíveis para que haja respeito e as regras de convivência sejam seguidas pelos discentes; do outro, temos um alunado que atesta, a todo o momento, as transgressões auferidas por eles. Enquanto o

---

<sup>1</sup> Wanderson Queiroz Bomfim é graduado em Letras – Português, pela Instituição de Ensino Superior – UFAL. É aluno do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola – NTMC / UFAL. Mestrando do curso de Mestrado em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPGLL/UFAL.

<sup>2</sup>Elvira Simões Barretto é professora doutora na Universidade Federal de Alagoas, e coordenadora do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Foi minha orientadora no presente artigo.

corpo docente se projeta e luta em defesa de valores éticos que direcionem o bom convívio, está ao mesmo tempo lutando para o não respeito. Com isso, advém a desesperança e o desestímulo profissional. No tocante a esse assunto, Paulo Freire (2001) fala que

Uma das tarefas do educador ou educadora, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo (2001, p. 11)

Uma educação pautada em valores éticos não a teremos em sua completude, devido às nossas imperfeições ainda enquanto humanos. Somos marcados por nossos (Pré)conceitos. Ora agimos dentro de um conceito mais abrangente, ora adotamos conceitos mais fechados e conservadores. Johann ao falar sobre educação ética nos diz o seguinte

[...] é preciso ter claro que a busca de uma educação marcada por aspectos éticos nunca se dará de uma forma absoluta e completa, como já foi dito anteriormente. Estamos sempre tratando da condição humana que, naturalmente, é marcada pela imperfectibilidade e pela incompletude. (2009, p. 35)

O ambiente escolar do século atual ainda está intrinsecamente ligado aos dos séculos anteriores. Ao invés de ser o espaço para que promova o respeito através de conceitos éticos, é o lugar que ocorre as mais diversas situações de segregação dos seres. Nesse modelo de escola todos têm de estar enquadrado nos modelos vigentes, visto o não enquadramento ser alvo das humilhações, alijamento e chacotas.

## **2. A escola super fantástica: cadê o balão mágico?**

A escola contemporânea é um “balão mágico” em que vários acontecimentos fantásticos, ou não, estão mediando o campo do saber ou não. Criam-se embates ideológicos para uma efetiva educação de e para “todos”. As ideologias<sup>3</sup> que perpassam a escola estão enviesadas por conceitos culturais europeus, em sua maioria, nos demais campos: sociais – o que é considerado certo/errado, bonito/feio; econômicos – elite social; e religiosos – de cunho judaico-cristão.

Outro fator que impera na comunidade escolar é a violência. Fator este que é praticado desde aquele/a que ocupa o maior cargo na empresa, até os que estão na escala inferior da hierarquia. A violência se processa de várias maneiras, da psicológica à física. Podemos percebê-la em alguns atos cometidos por indivíduos que se “acham” melhores que os outros.

A violência psicológica se efetiva quando o ser que ocupa o espaço da minoria é retaliado, subjugado a uma condição inferior com chavões, palavrões, ditados que rebaixam a condição de ser negro, entre outros. Enquanto a violência física se processa a partir da psicológica.

No cenário escolar, as travestis passam pelos mais tipos de violências, tais como as descritos acima, desde o momento que adentram os seus portões até ao chegarem em casa. A maioria do alunado, baseada em conceitos machistas e heterossexuais faz com que o “outro” sinta-se humilhado por não pertencer ao “fantástico mundo heteronormativo” e, por isso, devem sofrer os mais tipos de abusos. No que se refere à violência no interior da escola, Borba e Russo (2011, p. 25) dizem que, “[...] nas últimas décadas temos assistido a escola, lamentavelmente com muita frequência, como um palco de comportamentos agressivos, de indisciplina, de conflitos e, sobretudo, de intolerância”. Em meio a isso, os autores discutem a noção de que “A violência, já não é mais um problema externo, ao contrário, tem sido inerente a ela” (2011, p. 25).

O bullying escolar se processa de várias maneiras: chacotas, piadinhas, exclusão, entre outras. Criados numa sociedade machista, patriarcal, eurocêntrica e de ordem binária, as pessoas que praticam esse tipo de violência medem o valor do outro a partir da cultura em que está inserido. Contudo, não se aceitam parte integrante de um povo miscigeno, no qual o negro e o branco se misturam para formar nova identidade.

Outro fator preponderante à discriminação é a própria mídia; a pessoa travesti é vista e posta nas novelas e filmes globais como uma vítima, espalhafatosa, alude à pedofilia, criminosa, um ser antiético e amoral, entre outros estereótipos que estamos a vivenciar. Ainda é comum atribuir à identidade travesti conceitos que beiram à marginalidade social, e tal marginalidade é vista como modelo de transgressão da ordem social vigente. Portanto, não pode fazer parte da sociedade.

A imprensa, a mídia televisiva, o cinema, apresentam em seu conteúdo as travestis como protagonistas da violência, do ser marginal, impuro. Produzindo no ideário da sociedade a imagem de uma pessoa criminosa, violenta, e impura, que carrega todas as mazelas sociais por sua condição sexual, de pobreza e também estar suscetível às drogas (OLIVEIRA, p. 3, 2015).

---

<sup>3</sup> O conceito de ideologia por nós abordado, neste artigo, está em consonância com o que foi pensado por Bakhtin e seu círculo. Miotello em seu texto *Ideologia* (2014) fala que ela é um conceito fundamental nos trabalhos que foram realizados por Bakhtin e o seu círculo. Ela é empregada em uma perspectiva marxista. Miotello ao falar sobre ideologia na concepção bakhtiniana diz que: “Bakhtin e seus companheiros do Círculo não trabalham, portanto, a questão da ideologia como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética [...]” (p. 168)

No que tange à escola, podemos inferir que ela é mantenedora da opressão e segregação das classes sociais criadas pelo capitalismo. A escola como reprodutora do sistema ideológico da sociedade contribui para o ocultamento do racismo, preconceito, homofobia à medida que não estabelece o diálogo crítico sobre as questões que são de ordem social, incutindo no imaginário de professores/as e da/o estudante, a segregação, a intolerância, a injustiça e, sobretudo o sentimento de não pertencimento àquela comunidade, (OLIVEIRA, p. 6, 2015).

Como nos diz Orlandi (1993, p. 79): “toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis”, quando calamos as vozes que já foram silenciadas pelo sistema. Quanto ao silenciamento das diversas vozes que são forçadas a se calar no ambiente escolar, destacamos Louro (2001, p. 67) ao afirmar que a educação marca os sujeitos envolvidos nesse processo quanto ao dito e o não-dito.

[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados.

Dessa forma, as travestis não estão inseridas nos discursos escolares como sujeitos integrantes desse contexto social. A partir de outras vozes, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, tal orientação sexual – a travesti – é silenciada e obrigada a viver na marginalidade social. Tornam-se, desse modo, invisíveis. Podemos ir mais longe ao dizer que nem “existem”, são os párias sociais, visto não poderem ser nomeadas.

A base androcêntrica das sociedades contemporâneas nada mais é que uma ideologia baseada em um sistema de valores que cabe considerar o homem em sentido genérico e universal (BARRETTO & GALLO, 2015, p. 124).

### **3. A historicização da homossexualidade – Por onde andavam as travestis?**

A definição de homossexualismo encontra-se, ainda, encarcerado numa torre rodeada e lapidada por preconceitos. Ao dizer que homossexual é todo indivíduo que sente desejo e procura um prazer com pessoas que pertençam ao mesmo sexo biológico, internaliza e agrega valores de segregação, pois serve mais como uma rotulação para possíveis alijamentos na sociedade contemporânea, do que um reconhecimento de pessoas que estão e fazem parte do mundo.

Desde a Grécia e Roma antigas que se conhece e é praticado o ato de sodomia ou pederastia – tomo essas nomenclaturas por falta de termos melhores que atenuem a carga preconceituosa que as envolvem. As sociedades, felizmente, são transitórias, efêmeras, e os conceitos das coisas seguem o mesmo rumo. Logo, o que para determinada sociedade é tido como certo, favorável, enriquecedor... Para outra, será considerado um absurdo, pecado, doença, transgressão das normas padrões vigentes. Marilena Chauí (1984) explica a função dessas sociedades:

O valor fundamental, nessas sociedades, era atribuído à figura do homem livre, identificada com a figura masculina ativa (política e socialmente). Esse valor, sexualmente interpretado, levava ao privilégio da figura masculina sexualmente “ativa”. A mulher, considerada naturalmente “passiva”, o jovem livre, do sexo masculino, considerado “passivo” pela pouca idade, e o escravo, considerado passivo por sua condição de dominado e por obrigação, faziam com que as relações homofílicas só fossem admitidas entre um homem livre adulto e um jovem livre ou um escravo, jovem ou adulto. O jovem, pela idade, podia ser livre e “passivo” sem desonra; o escravo por sua condição desonrosa, só podia ser “passivo”. Mas um homem livre adulto que se prestasse a uma relação homofílica no papel “passivo” era considerado imoral e indigno. (CHAUÍ, 1984, p. 23)

A repressão sexual e a perseguição pelas camadas populares, tanto no Brasil como em outros países, aos grupos LGBTTIS, tem origem religiosa. A Igreja católica no período da baixa Idade Média fazia pressão aos poderes civis para que isso pudesse acontecer; pois na antiguidade grega e romana a aceitação e convivência com pessoas que exercessem a sodomia, não tinha leis condenatórias do homoerotismo, como assinala Foucault:

Amar os rapazes era uma prática “livre”, no sentido de que era não só permitida pelas leis (salvo em circunstâncias particulares), como também permitida pela opinião. [...] Enfim, era uma prática culturalmente valorizada por uma literatura que a cantava, e por uma reflexão que fundamentava sua excelência. (FOUCAULT, 1984, P. 170)

Os valores e conceitos de sexualidade são um constructo sócio-histórico-cultural, pois é a partir da convivência entre os indivíduos em suas específicas comunidades que são construídos valores, tabus e/ou preconceitos para a sexualidade. Da cultura dos povos nasce o que chamamos de conceito sexual coletivo:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encandeiam-se uns aos outros,

segundo algumas estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p.117)

Numa sociedade patriarcal e, ao mesmo tempo, machista, os valores e conceitos do que é masculino e feminino são dispostos desde a tenra idade, quando ainda nem se formaram os valores éticos e morais do indivíduo: “Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer ‘desvio’ é reprimido e recupera-se o ‘bom comportamento’”. (FRY & MACRAE, 1985, p. 11)

[...] nas sociedades industrializadas que são altamente diferenciadas socialmente, como é o caso da sociedade brasileira, existem vários “papéis homossexuais” variando de região para região e de segmento social para segmento social. Além disso, estes “papéis homossexuais” se transformam ao longo do tempo paralelamente a outras transformações. (FRY & MACRAE, 1985, p. 12)

O termo *travestis* é recente se comparado às noções antiquárias da pederastia. Era lícito, tanto na Grécia como em Roma que houvesse a coita entre dois homens, no entanto, estava sob os limites sociais; isto é, não podia haver o coito entre dois homens pertencentes à mesma classe social, nem quanto à mesma idade. Não havia o termo travestilidade, tal qual como o conhecemos hoje.

O termo *travesti* remonta à raiz latina de língua francesa como uma forma variante da *Burlesque* (travestie) – gênero artístico – que estava associada ao erotismo da época: mulheres que se apresentavam, em casas de espetáculos, com roupas minúsculas e ao mesmo tempo provocante. Há outro referente, que remete ao início do século XX na Europa, de origem alemã – *transvestite*. Tal termo foi usado pelo sexologista alemão, Magnuss Hirschfeld, ao publicar sua obra homônima: *Die Transvestiten*, no ano de 1925. Na referida obra, o autor destaca que o termo “transvestite” está em consonância com as pessoas que se vestiam voluntariamente com as roupas que “pertenciam” ao sexo oposto (c.f. CASSEMIRO, 2010).

Antes desses fatos temos os bailes de máscaras no século XVIII que aconteciam na Inglaterra. Eles proporcionavam novos olhares pelo viés da história sobre os estudos das travestis. O próprio baile poderia ser considerado uma transgressão das normas sociais vigentes. De acordo com Castle (1999), tais bailes foram os propulsores para que surgissem novos modelos de sexualidades.

Nessa época, a pessoa travestida ganha espaço por toda Inglaterra como uma expressão de exteriorizar os desejos que estavam ocultos – ser travesti estava mais para o erotismo do

que para o sexo. A travesti era a forma de ser transgressor do sistema heteronormatizador. A vestimenta era um meio de pôr em questão o que é ser homem e o que é ser mulher. Nesse ínterim ela não pertencia a nenhum dos dois gêneros. Seria uma outra categoria.

O travesti erotizou o mundo. Não só as pessoas se livraram de suas inibições como também podiam experimentar, hipoteticamente pelo menos, um novo corpo e seus prazeres. A troca de roupa era também uma troca de desejos. O resultado era uma fuga do 'natural' – de tudo o que fosse culturalmente preordenado – para novos domínios da desordem voluptuosa (CASTLE, 1999, p. 201).

Somente vamos encontrar a figura da travesti em seu contexto mais amplo no século XX (em meados desse século, após a Segunda Guerra Mundial). O travestir-se tornou um novo questionamento acerca da sexualidade, começou a ser pensado como nova identidade\* sexual.

Os anos 1960 foram demasiadamente importantes, tanto no plano global como na história da sexualidade no Brasil. Começa-se a discutir nestes cenários as questões da sexualidade. O sexo não está mais no campo de reprodução, mas ante como fonte de prazer. Surgem movimentos sociais (Black Power, Feminismo, LGBT...) que impulsionaram novas definições e categorias no que se refere à sexualidade.

Durante alguns anos as travestis estiveram “ligadas” aos homossexuais, mas alguns estudos recentes demonstram que há diferenças entre esses dois grupos sexuais. A identidade *travestis* se define, de acordo com a antropologia, como sujeitos sociais que se travestem e ornamentam-se para se diferenciar do sexo biológico e se aproximar mais do sexo oposto. Para isso, trazemos o conceito de travestis de acordo com Pelúcio

As travestis são pessoas que nascem com o sexo genital masculino (por isso a grande maioria se entende como homem) e que procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente sancionado como feminino, sem, contudo, desejarem extirpar a genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. Via de regra, as travestis gostam de se relacionar sexual e afetivamente com homens, porém, ainda assim, não se identificam com homens homo-orientados (PELÚCIO, 2006, pp. 3-4).

---

4. Entendemos o termo identidade como um constructo sócio-cultural de algo intrínseco ao sujeito social. Adotamos o conceito proposto por Moita Lopes (2003), ao estudar e teorizar Identidade nos estudos de ciências sociais: “Identidade é um construto de natureza social – portanto, político –, isto é, identidade social, compreendida como construída em práticas discursivas, e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza de pessoa, ou seja, identidade pessoal, nem com sua essência nem com um si - mesmo unitário” (MOITA LOPES, 2003, p. 20).

Conforme Pelúcio (2007), o termo travestis comporta uma multiplicidade de experiências que estão ligadas à pluralidade dessa identidade de gênero – por isso o uso do termo travestilidade. Visto que é um corpo aparentemente feminino, mas que contém órgão sexual masculino, e indo um pouco mais: faz uso dele.

A estigmatização, a humilhação com que são tratados os grupos gays, lésbicos e transexuais corrobora para uma afirmação de que não só a homofobia acontece na contemporaneidade, devemos atentar-nos à lesbofobia – visto que a homossexual feminina por diversas vezes é quase esquecida –, à transfobia – quantas travestis ou transexuais sofrem verbal ou fisicamente pelo simples fato de serem diferentes do modelo de normalidade adotado pela camada heterossexual?!

Na maioria das vezes, o preconceito, assim como a violência, inicia-se no seio familiar – que tão defendida por uma maioria sem nem ao menos saber o sentido do que é ser família, cometem injúrias, praticam violência verbal e física, contrapondo-se ao “acolher” como papel fundamental de uma família.

A luta pelos direitos à igualdade é imensa quando falamos em direitos legais. O movimento LGBT ganhou grande notoriedade, aqui no Brasil, na década de 1980, em concomitância com o movimento feminista. Lutavam (e ainda lutam!) por direitos semelhantes, pois sempre desejaram ganhar espaço igualitário na sociedade machista e patriarcal na qual ainda vivemos.

Diante o que foi exposto, podemos dizer que a identidade travestis sempre esteve relegada à margem social. A travestilidade já existia na História, sob outro viés como vimos, no entanto, com a mesma finalidade do hoje: expurgação de desejos eróticos e sexuais. Imersos na modernidade líquida, como nos aponta Zygmunt Bauman (2003), as travestis ainda vêm-se encarceradas nos ditames machistas e transfóbicos: milhares delas sofrem as mais diversas violências paulatinamente.

#### **4. A performatividade corporal**

A ordem normativa social vigente presume e defende que tudo aquilo que foge das “normalidades” está para a heresia e, portanto, anormal. Deve-se considerar como indivíduos marginalizados e devem estar alijados da sociedade padrão. Nesse contexto, devemos levar em conta também o grande apelo que os defensores dessa hipótese fazem aos escritos bíblicos, como uma forma de legitimação de seus discursos.

Quando o sujeito está no processo de autodescobrimento de sua sexualidade alguns tabus e preconceitos entram em cena. Caso o indivíduo pertença ao sexo masculino, quase tudo é lícito fazer para que descubra seus pontos e prazeres erógenos. Quando é pertencente ao sexo feminino, quase nada lhe é permitido fazer, pois à ela fica reservada a descoberta quando estiver casada (pelo menos assim o senso-comum pensa).

Algo semelhante encontra-se ao se discutir a ideia de decoração dos corpos, isto é, artefatos usados para enfeitar os corpos. Em algumas culturas é lícito tanto o homem como a mulher pintarem seus corpos como uma forma de se tornar mais bonito aos outros, chamar a atenção de outros olhares, ou até mesmo como forma de preenchimento do próprio ego.

Ao falar sobre sexualidade torna-se quase um tabu, pois encontramos pessoas que ainda possui certo receio para discutir esse assunto. Para tal, seria necessário expurgar de si esses assuntos para que o ser esteja depurado. Colocar para fora todo um discurso de seus desejos e sentimento estaria na ordem da transgressão, visto ser uma temática que estaria de encontro aos moldes de normalidade em que a sociedade estaria inserida.

Ao historicizar e problematizar o corpo e o sexo, estamos tornando dissolúveis as questões da dicotomia sexo x gênero. Estamos diante à uma ordem compulsória, que exige de nós uma coerência entre o corpo e o sexo. Isto é, se é menino – “obrigatoriedade” de ter um pênis – tem que sentir atração por meninas e vice-versa. Com isso, Butler (2010) promove uma práxis para a subversão dessa ordem compulsória que tenta a todo custo encapsular os moldes que envolvem a sexualidade.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.” (BUTLER, 2010, p.25)

Nesse ínterim, a modernidade age como um foco desnaturalizador, pois muitos autores vêm a tratar da sexualidade, erotismo, sensualidade e pornografia de modo perturbador para uns e agradável a outros. No entanto, as personagens centrais ainda continuam de acordo com a performatividade binária encontrada na sociedade real. Sendo lésbica a personagem agirá como uma mulher heteronormativa; sendo gay a personagem agirá de acordo com os moldes masculinos impostos.

Os sujeitos que fogem da heteronormatividade são performáticos à medida que saem dos esconderijos impostos pelo senso-comum para auto definirem-se como sujeitos que também estão inseridos na sociedade, mesmo que ela os negue. Por isso, determinam sua subjetividade não aceitando o enquadramento dentre as nomenclaturas, também criadas pela

sociedade machista e patriarcal: gay, lésbica, transexual, intersexual, travesti ou qualquer outra forma sexuada.

## 5. **Análise do *Corpus***

Nosso trabalho parte da premissa que o ambiente escolar é o ambiente no qual as guerras ideológicas estão a se digladiar a todo instante, especificamente no que se refere às questões de identidades de gênero e sexuais. Torna-se, assim, um lugar propício à observação e análise sobre como os sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, ao usar as relações de poder, se constroem com seus discursos. No entanto, tomamos como corpus de nossa pesquisa os depoimentos de 5 (cinco) travestis já assumidas no meio social. Não integram mais o ambiente escolar por diversos fatores, como serão retomados nas análises que virão mais a frente.

O presente artigo está inscrito na abordagem de pesquisa qualitativa, pois, temos como premissa a análise dos significados que os sujeitos dão às ações que constroem no meio social ao qual está inserido (CHIZZOTTI, 2001). Tal abordagem metodológica parte do princípio de que há uma interação dinâmica entre o mundo empírico e o sujeito. Nosso público-alvo são as travestis que residem na cidade de Maceió no Estado de Alagoas. No entanto, encontramos dificuldades para termos nosso corpus, pois muitas usam apenas a noite como um modo de travestirem-se, outras, as famílias não sabem de suas travestilidades, ainda outra minoria não quiseram construir o corpus de nosso trabalho para que não fossem reconhecidas futuramente.

A priori formulamos 6 (seis) tópicos que introduziriam os depoimentos dos sujeitos envolvidos em nosso trabalho de pesquisa. Com isso, eles falaram acerca de suas vidas sobre as seguintes temáticas: descobrir-se travesti, família, escola, adolescência, trabalho e contemporaneidade. Não nos focamos apenas no ambiente escolar, pois entendemos que nossa existência está permeada por diversos contextos que se entrelaçam no cotidiano.

Ao serem interpeladas pelo fato de quando se “descobriram” travestis, foi quase unânime em dizerem que desde criança percebem de algum modo que não seguirão à ordem heteronormativa. Mediante os relatos podemos dizer que até os familiares têm uma noção à qual orientação sexual elas pertencerão. Como podemos ver nos relatos de Amanda e Tina:

(Amanda): Sempre fui travesti. Nasci travesti. Vou morrer travesti!  
Sempre gostei de me produzir. Ficava olhando minhas tias e minhas

irmãs se aprontado para sair. Então, sempre soube que eu era uma mulher por dentro.

(Tina): Percebi isso desde criança. Desde os meus três ou quatro anos. Sempre fantasiei e criava história de mim sendo mulher. Não imaginava eu sendo machão, gostando e depois casando com uma mulher. Sempre olhava pros meus coleguinhas. Imaginava ficar com eles.

Em contraponto com a noção do “descobrir-se” travestis temos a ênfase empregada por Priscila quando perguntada quando ela se ‘descobriu’ travesti. Tal discurso vem marcado por uma carga anti-discriminatória e preconceituosa, com a qual nós (pesquisadores) estávamos impregnados. Usamos, muitas vezes, discursos que contradizem com o que pensamos sem mesmo nos darmos conta de estamos a usá-los.

(Priscila): Não concordo em descobrir ser travesti. Porque ninguém descobre também ser homem ou ser mulher. Você já é, nasce assim. Tomei ciência que eu já era desde pequena. Era uma confusão muito grande em minha cabeça. Eu sabia exatamente o que era. E ao mesmo tempo que eu colocava pra “frente” o meu gostar por meninos, eu queria também me punir, porque sempre ouvi que era pecado. Fiquei uma pessoa calada, reprimida durante muito tempo.

Uma categoria não menos digna das travestis é o fato de elas possuírem baixa escolaridade. Esse fator é comum nas travestilidades pelo não aceitação dos comportamentos que elas assumem desde jovens. Viram rótulos de chacotas, humilhações, discriminações. Por não suportarem tais violências, largam a vida escolar, pois não se vêem como sujeitos integrantes dessa realidade. A família entra nesse confronto como um dos primeiros meios de alijarem as travestis de seu meio.

(Flávia): Pra mim é meio que uma dor. Hoje não tenho uma família como todos têm. Desde que me expulsaram, não tenho mais contato com eles. Sei por meio dos outros como eles estão. Nunca me aceitaram.

A prostituição entra no cotidiano das travestis pela exclusão e humilhação por que passam. O preconceito ainda é a arma mais perigosa usada pela elite machista, patriarcal e eurocêntrica. A sociedade estigmatiza essa identidade de gênero, não lhes “abre as portas” para o mercado de trabalho em outras áreas; marginaliza-os, restando a elas os “guetos” da sociedade. Em conjunto com a prostituição advêm os crimes e se tornam usuários dependentes de drogas, para que possam suportar o peso que lhe é imposto.

(Flávia): Meu início foi triste, acho que como o de todas as travestis. Vendia meu corpo para me sustentar. Fui agredida muitas vezes pelos clientes, mas eu tinha que ficar, não tinha muitas opções. As portas

continuam fechadas para outros tipos de trabalhos. Para continuar na vida da prostituição ou você faz o que eles pedem ou não sobrevive. O que ainda nos dá força para isso é o uso de droga.

É comum no meio de sobrevivência no mundo das travestis a compactuação com cafetinos/as. Estas se tornam um tronco para a manutenção das vidas das travestis que se prostituem, pois as cafetinas possuem um local – o qual, por muitas, vezes é denominado de lar – que serve de abrigo às travestis que são expulsas de suas casas por seus familiares. No entanto, há uma troca pelos serviços oferecidos. Em troca do local e comida, as travestis são obrigadas a se prostituírem para pagar seus respectivos consumos.

(Tina): No começo tudo é glamour, mas depois vem o sofrimento. A cafetina começava dizendo: “para de chorar minha filha, você vai ficar chorando aqui em casa por quanto tempo? Vai dar que é melhor. Aqui o negócio e dinheiro.” Sentia muita falta de minha mãe, mas tive que engolir o choro e trabalhar, porque não tinha como me sustentar. Foi e é difícil.

Um dos fatores principais para elas irem à procura de novas formas de sustento é o fato de a escola não se mostrar o ambiente específico de ensino/aprendizagem para a formação de sujeitos que sejam mais receptivos e respeitosos às diferenças da pluralidade da qual somos compostos. Ao contrário de ser o lugar que promova a equidade entre os sujeitos, a escola se torna o local de segregação e alijamento dos que não estão a seguir a ordem social vigente.

(Cristina): Eu sempre era o “viadinho”, “baitola”, “queima-rosca”, e isso me desestimulou e criou um trauma de escola. Estava cansada e enojada de tudo que estava passando. Ninguém nunca me apoiou na escola. Sempre era maltratada. Quando chamava a professora, ela fazia que nem ouvia – acho que pra não tomar partido no que estava acontecendo.

(Flávia): Estudei e acabei a oitava série. Ma sofri bastante, porque ficava bem claro que ali não era meu lugar. Todos me olhavam com indiferença. Às vezes eu ficava revoltada, mas depois passava. A cada dia eu superava minhas dores. Ninguém queria fazer trabalho comigo. Até os professores achavam que eu era incapaz.

A escola ainda se mostra como catalisadora do que ela acha como correto e “puro” para adentrar seus vastos muros recobertos de preconceitos. Porém, o problema está mais acima: como os cursos de graduação estão a formar os professores que comporão os cenários escolares? Eis uma pergunta que demandará tempo em ser respondida em parte, conforme o que se pretende a teoria de uma sociedade mais equânime.

As “portas” da vida se encontram ainda semicerradas para os contextos de vida das travestis. Muitas são “forçadas” a desempenharem o papel de cabeleireiras na sociedade que as comportam por não terem outras oportunidades que diferenciem desse núcleo de trabalho. Embora o social esteja um pouco mais aberto para essa questão, encontramos sujeitos que não se despem de seus (pré)conceitos quanto à sexualidade, não aceitando novas identidades sexuais em seus meios trabalhistas.

(Cristina): Não me prostituo! Acho que existem outras coisas pra fazer, mas não critico também minhas colegas. Quanto ao trabalho, não nos sobra muita coisa. Vim trabalhar de cabeleira forçada, mas forçada mesmo pela sociedade. Não tem muito espaço. O que me levaria pra outros lugares melhores, foi fechado pra mim: a escola.

## 6. Conclusão

Ao falar sobre sexualidade torna-se quase um tabu, pois encontramos pessoas que ainda possui certo receio para discutir esse assunto. Para tal, seria necessário expurgar de si esses assuntos para que o ser esteja depurado. Colocar para fora todo um discurso de seus desejos e sentimento estaria na ordem da transgressão, visto ser uma temática que estaria de encontro aos moldes de normalidade em que a sociedade estaria inserida.

Em nosso meio social é comum ouvirmos de muitas pessoas alguns conceitos por elas defendidos: “Para ser gay não é preciso ser afeminado”, “Para ser bolacheira (lésbica) não é preciso se vestir de machão, como a querer se homem”. Preconceito desse tipo está tão difuso, que por muitas vezes falamos sem mesmo nos dar conta. Quando se diz “não tenho nenhum preconceito, mas...”, vemos pela própria linguagem um conector que advoga uma oposição; logo, mesmo que digamos que não os temos, nosso discurso nos nega.

Porém, tomamos como base a filósofa Simone de Beauvoir (1980) para afirmar que não nascemos homens e nem mulheres, mas somos construídos socialmente homem e mulher. Portanto, antes de biologicamente sermos definidos, somos construídos socialmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, Francesco. **O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução**. Tradução, Élia Edel. São Paulo: Garzante Editora, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

CASSEMIRO, Luiza Carla. **Travestilidade, Transexualidade: revisão da literatura recente das Ciências Sociais**. PUC – RIO, 2010.

CASTLE, T. *A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII*. In: ROSSEUAU, G. S. PORTER, Roy. (Orgs.). **Submundos do sexo no Iluminismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade1: a vontade de saber..** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

PELÚCIO, Larissa. **Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis**. CD Anais do XXX Encontro Anual da ANPOCS – GT Sexualidade, Corpo e Gênero, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS**. Tese de Doutorado. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2007.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, vol.19, n.1, pp. 11-20. 2011. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>. Acesso em: 27 Abr. 2015.

ROSA, Mariléia Catarina. KAHHALE, Edna M. P. **Travestilidade: a constituição da subjetividade na pele em que se habita**. Salvador: 2012.

SILVA, Hélio, R. S. **Travesti: a invenção do Feminismo**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, ISEP, 1